

Sonho manifesto: quando os saberes são a resposta

Manifest dream: *when knowledge is the answer*

Sabrina Rosa

Instituto Federal Farroupilha (IFFar)

sabrina.rosa@iffarroupilha.edu.br

<https://orcid.org/0009-0008-6113-0550>

RESENHA

RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

O livro *Sonho manifesto: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico* (2022), do renomado neurocientista Sidarta Ribeiro, apresenta de forma clara e de fácil compreensão problemas mundialmente conhecidos como a degradação do meio ambiente, a fome e a miséria, bem como a necessidade de nossa volta à ancestralidade como expansão física e cultural com vistas a mudanças de atitudes em prol da saúde humana e do planeta. O autor costura sua fala com narrativas antigas e contemporâneas, de modo a ilustrar seu texto e facilitar a compreensão do leitor.

Sonho manifesto é uma obra impactante que chama a atenção para a realidade em que vivemos: caótica, insana e repleta de problemas existenciais. Ele atenta para a necessidade da volta a conceitos como ancestralidade, memória e sonhos, na busca por mudanças urgentes.

O primeiro capítulo do livro, “Perceber a oportunidade de mudar”, apresenta-nos toda a sorte de misérias mundiais (muitas delas que podiam ser evitadas), inúmeras causadas pelo egoísmo humano e apego desmedido ao dinheiro. O autor evidencia a total falta de empatia dos mais favorecidos financeiramente em relação aos menos abastados. Além disso, ele dá veemência à capacidade que as pessoas mais pobres têm em se compadecer por seus pares e auxiliá-los.

Pesquisas comparando pessoas materialmente pobres e ricas mostram que as primeiras fazem uma leitura melhor de expressões faciais alheias, um marcador importante de empatia. Não por acaso, as pessoas pobres do ponto de vista material dependem muito mais umas das outras para sobreviver do que as materialmente ricas (Ribeiro, 2022, p. 18-19).

Sidarta aponta o acúmulo material como um vício de grande dependência, que tem como efeito colateral a comparação sem limites e a total falta de empatia dos mais ricos pelos mais vulneráveis. Nessa perspectiva, ele reforça um conceito que desenvolve ao longo do livro: o da necessidade da cooperação.

O segundo capítulo da obra, “Compreender a urgência do momento”, apresenta um contraponto entre as dualidades vividas desde os primórdios pela humanidade: paraíso/inferno, perdedores/ganhadores, como sendo ordem natural da vida inclusive na natureza (predador/presa), embora ele destaque que os primeiros se beneficiem mais, no caso da natureza.

Ribeiro destaca que o homem mudou esta ordem quando quis se “poupar” de certas dores. Entretanto, frisa que se não houver uma mudança comportamental na filosofia dos mais ricos, estarão por condenar a todos. Cita que a pandemia do covid-19 ilustrou muito bem que a destruição do planeta afeta a todos, bem como as mais diversas desigualdades (como a desigual distribuição das vacinas que ocorreu pelo mundo), o que pode acarretar a proliferação de vírus diferentes e mais fortes de tempos em tempos, atingido a toda raça humana, independentemente de classe social.

O capítulo 3, “Curar nossa pior ancestralidade”, inicia falando sobre a predação desigual existente na sociedade entre os mais ricos e os mais pobres. Tal afirmação é ilustrada pelo exemplo do grande número de mortos em comunidades indígenas devido ao covid-19. Além disso, nessa seção são elencadas as heranças culturais e ancestralidades “ruins” – conceitos preconceituosos que se disseminaram na sociedade atual e que se enraizaram fortemente e contra os quais devemos lutar e desconstruir.

O quarto capítulo do livro, “Honrar nossa melhor ancestralidade”, tem como norte o princípio da cooperação, asseverando que essa é a melhor e única chance de o ser humano continuar evoluindo. O autor enfatiza a importância do resgate e disseminação do acervo cultural do passado, das mais diversas etnias e povo, a fim de valorizar, em suas palavras, a “enormidade da riqueza de ideias e comportamentos acumulados por nossa espécie” (Ribeiro, 2022, p. 63).

O capítulo cinco, “Assumir nosso lugar no universo”, explora ainda mais o conceito introduzido no capítulo anterior: o de ancestralidade. Sidarta Ribeiro traz à tona a importância de se ouvir as mais diversas vozes, em igualdade de oportunidades.

“A verdadeira história humana só pode ser entendida como a soma ponderada das narrativas de presas e predadores, com ressonância maior para as vozes presas e menor para as vozes dos predadores” (Ribeiro, 2022, p. 70).

Ele destaca a importância de se analisar diversas perspectivas, bem como de realizar um exercício de empatia, colocando-nos no lugar do outro. Além disso, Ribeiro afirma a importância de se revisitar o passado exatamente como ele ocorreu, de modo a repensá-lo e extrair lições para o futuro.

O passado não pode ser mudado e, quando alterado, serve para fraudar o futuro. O que podemos e precisamos fazer quanto às atrocidades do passado é conhecê-las e debatê-las profundamente, para que nunca mais venham a acontecer. O passado precisa ser preservado em todos os detalhes possíveis, para que sempre lembremos dele, pois é do seu aprendizado que vem nossa adaptação ao futuro (Ribeiro, 2022, p. 83).

O autor expõe aos leitores a importância de reconhecer todos os saberes humanos como de igual valor, sem sobreposição de um acima de outro, todos imbricados num sistema de completude e trocas.

É imprescindível garantir a tolerância e a porosidade entre os saberes, a polinização cruzada entre conhecimentos, a possibilidade respeitosa de diferentes misturas, com permissões conscientes e recíprocas para que as trocas de informação sejam férteis, e os múltiplos sentidos, considerados em conjunto, permitam avançar o saber humano (Ribeiro, 2022, p. 88).

“Sonhar o futuro da vida”, sexto capítulo, trata de reaprender a sonhar o bem comum, pensar enquanto coletividade e na junção de esforço e saberes para buscar mudanças.

O capítulo 7, “Buscar a plenitude da mente incorporada”, fala sobre a morte e sua negação, associando a iminência da morte à falta de precauções tidas durante a pandemia tanto por parte de pessoas comuns como de gestores mundiais e de pessoas muito abastadas. Essa seção enfatiza o quanto nós, seres humanos, estamos ligados uns aos outros e precisamos mutuamente uns dos outros para sobrevivermos. Além disso, o autor aponta para a busca desenfreada por prazeres materiais, o que pode causar nossa extinção

pois, segundo ele, “O desaprendizado do sonho e a adoração do deus Dinheiro fazem com que percamos completamente o respeito pelo que é mais sagrado: as pessoas, os seres vivos e o próprio planeta” (Ribeiro, 2022, p. 109).

Sidarta comenta que o verdadeiro prazer humano não vem das coisas, dos objetos, mas das experiências individuais e compartilhadas.

“Construir o caminho”, capítulo 8, assevera que a solução para salvar a presença humana no planeta está em distanciar-se de uma história de acumulação de recursos e opressão, voltando-nos às nossas ancestralidades, a fim de descobrirmos as nossas reais potencialidades. Desse modo, reafirma novamente a importância do multiculturalismo: “A multilateralidade da experiência humana impede, portanto, que qualquer narrativa isoladamente possa fazer sentido para todos, pois o sentido e o valor das coisas são sempre relacionais” (Ribeiro, 2022, p. 130).

No capítulo 9, cujo título é “Aprender a aprender”, deparamo-nos com a necessidade urgente de revolucionar a educação, com uma escola transformadora, libertadora e crítica. Para isso o autor cita como necessários o investimento e a valorização dos professores, além da necessidade de um aprendizado contínuo, metodologias e práticas pedagógicas emancipadoras.

A educação do futuro será bem mais horizontal, menos baseada na ideia de que todos devem marchar iguais pelo mesmo caminho e mais fundada na multiplicidade de percursos para todos os tipos de gente – percursos que permitam a nossos descendentes a mais ampla gama de possibilidades formativas, que lhes possibilitem desenvolver múltiplas perspectivas, contemplar o todo e evitar a hiperespecialização; e que não transformem crianças em trabalhadores forçados, mas em pessoas felizes, amplas e profundas como sua ancestralidade requer (Ribeiro, 2022, p. 145).

Nessa perspectiva, a escola trabalha a favor de perceber o ponto de vista do outro, ampliar perspectivas de forma a enriquecer culturalmente os estudantes, numa aprendizagem significativa e instrumentalizadora. Além disso, a escola também deve favorecer o pluralismo cultural, pois, segundo Sidarta (2022, p. 156), essa também é uma ferramenta de formação identitária, “a exposição à culturas variadas permite o cultivo da alteridade e a expansão da autoidentidade”.

O último capítulo da obra, “Sair do labirinto”, reforça a importância da mudança de hábitos, de modo a combater a poluição em suas mais diversas formas. Além disso, enumera atitudes como racionalizar o consumo, combater a fome, gerar alternativas de

alimentação e hábitos saudáveis, além de estabelecer comportamentos cooperativos como formas de alterar o triste panorama que se descortina à nossa frente. Segundo o autor, “são muitos os ensinamentos antigos sobre hábitos fundamentais que precisamos resgatar, praticar e ensinar” (Ribeiro, 2022, p. 166).

Ribeiro, durante toda a obra e em especial nesse capítulo, enfatiza a importância das relações humanas como essenciais para o bem-estar e o desenvolvimento das pessoas e da sociedade como um todo. Segundo ele, “é preciso regenerar, re-humanizar e revitalizar todas as nossas relações” (Ribeiro, 2022, p. 169).

Do mesmo modo e muito veementemente, ele reforça a ideia de uma sociedade mais igualitária e empática, de modo que os papéis se invertam para uma mudança necessária e sistêmica: “Enquanto as pessoas na base da pirâmide social precisam cada vez mais se organizar e se insurgir para questionar privilégios, aquelas que estão no topo precisam aprender a se colocar no lugar dos vulneráveis” (Ribeiro, 2022, p. 171).

O autor aponta para a necessidade iminente de reformular nosso jeito de estar no mundo, pois nossa postura nos próximos anos será crucial para uma transformação ou destruição de nosso planeta.

Esta é uma obra provocativa, que incita o leitor a repensar sua postura enquanto ser humano e suas atitudes em prol da preservação do planeta e de suas riquezas materiais e culturais. Todos os capítulos se complementam e se regeneram de forma perfeita, retomando tópicos importantes em relação ao tema.

Sonho manifesto leva-nos a refletir acerca das consequências e dos resultados da exploração humana da Terra, e põe em xeque o momento crucial de nossa história em que precisamos agir de modo comprometido e consciente, unindo forças e trabalhando em conjunto, com vista a uma mudança radical de comportamentos em benefício da vida humana.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Sidarta. *Sonho Manifesto: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Recebido em: 19/08/2024

Aceito em: 02/10/2024

Sabrina Rosa: graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2004), pós-graduada em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017), pós-graduada em Gestão Escolar (Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção) pela Faculdade Dom Alberto (2024). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras - Linha de Pesquisa: Estudos literários e midiáticos pela Universidade de Santa Cruz do Sul - Bolsista PROSUC/CAPES II. Atualmente professora no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Borja. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Membro do Coletivo Agbara - Movimento Negro de Venâncio Aires.